

---

## Considerações iniciais acerca do estudo da tipologia da margem-mancha em livros do século XV ao XXI<sup>1</sup>

Bruno Duarte MOITA<sup>2</sup>  
Wagner José MOREIRA<sup>3</sup>

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

Este estudo investiga a relação simbiótica entre margem e mancha de texto em livros, argumentando que ela é parte ativa na construção de sentido de um texto. A pesquisa visa classificar as funções da margem-mancha em códices, propondo uma tipologia histórica do século XV ao XXI. Utilizando uma metodologia comparativa, a análise envolve sete designer-editores e suas produções. Exemplos como a margem-mancha iluminada de Gutenberg e a responsiva de Cianelli demonstram como diferentes projetos gráficos alteram a experiência de leitura e a recepção de textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** margem; margem-mancha; edição; projeto gráfico; tipologia.

### INTRODUÇÃO

Um livro é composto pela área em branco (margem) e a área escrita (mancha de texto). Esses dois espaços coexistem em uma relação simbiótica entre positivo e negativo, um yin-yang tipográfico: a margem-mancha. Mas poucos estudos existem sobre o tema.

A relação margem-mancha usualmente é discutida com foco em sua função estética, porém, argumentamos que ela também desempenha uma função narrativa, alterando o processo de leitura e recepção de um texto. Defendemos que o projeto gráfico (e, conseqüentemente, a margem-mancha) é parte ativa na construção de um sentido de um texto; um mesmo texto com diferentes projetos gráficos possibilita diferentes leituras.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo classificar *quais são as funções que a margem-mancha desempenha no projeto de livros em formato de códice*. Ao estabelecer uma tipologia, almejamos compreender como a articulação entre o espaço em branco da página e a mancha que a ocupa pode resultar em uma nova experiência de leitura.

Constituída por sete tipos de margem-mancha, a tipologia será apresentada por uma perspectiva histórica em capítulos comparativos, que se iniciam no século XV e se encerram no século XXI, período que abrange que os livros impressos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, email: brumoita@gmail.com

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, email: wagnermor@cefetmg.br

---

Esse trabalho apresenta as considerações iniciais de uma pesquisa em andamento no âmbito do mestrado, com questões ainda em aberto a serem aprofundadas com base nas seguintes referências.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A pesquisa atua em três campos teóricos, [1] o design do livro, [2] a história do livro e [3] a Literatura Comparada. Com essas categorias, buscamos apresentar um panorama abrangente do contexto acerca dos tipos de margem-mancha analisados.

A bibliografia relacionada ao design do livro é centrada no cânone tipográfico como Williamson (1956), Morrison (1996), Tschichold (2007), Bringhurst (2018), Warde (2022) e Hendel (2022). Esses autores são responsáveis por definir conceitos essenciais para o pensamento moderno acerca do design de livros.

A bibliografia relacionada à história do livro é centrada nos escritos de Hallewell (1985), Febvre e Martin (1992), Chartier (1999), McKenzie (2004), Belo (2008), Melot (2012) e Sordet (2023). Ao observamos a necessidade de aprofundamento em determinado tópico, outros textos e autores serão incluídos.

Por fim, a bibliografia relacionada à Literatura Comparada tem como base Tânia Franco (2006), um compilado sobre as escolas mais proeminentes da área. A partir desse texto, iremos expandir nossa pesquisa pela escola soviética para identificar quais processos comparativos podem ser úteis para o propósito dessa pesquisa.

Essas referências serão articuladas usando a metodologia apresentada abaixo.

## **METODOLOGIA**

O uso de um modelo tipológico se alinha com outras iniciativas do campo, como a classificação tipográfica Vox-ATypI, desenvolvida pelo historiador Maximilien Vox em 1954. Nela, a história da tipografia com caracteres latinos foi dividida em nove classes relacionadas a grandes designers de tipos ou mudanças no modo de produção da época (ATypI, 2021). Ao identificar padrões estruturais em diferentes tipos, a classificação facilita o ensino, o estudo e a produção relacionada ao campo da tipografia.

A Vox-ATypI não é a única tipologia referente a produção tipográfica, sendo uma de inúmeras tentativas de classificar os inúmeros desenhos de letra. Inevitavelmente, cada uma dessas é constituída por aprofundamentos e lacunas que também estarão presentes em nossa própria tipologia. Não almejamos estabelecer uma classificação definitiva de

todas relações margem-mancha possíveis, mas destacar o que consideramos ser as principais relações surgidas desde o primeiro livro impresso.

Com esse objetivo em mente, foi constituído um corpus de sete designer-editores que concentraram sua atuação em um desses sete séculos. São eles Johannes Gutenberg, (século XV); Aldo Manuzio, Aldine Press (século XVI); *A definir* (século XVII); *A definir* (século XVIII); William Morris, Kelmscott Press (século XIX); Jan Tschichold, Penguin Books (século XX); Giovanna Cianelli, Antofágica (século XXI)

Cada um dos escolhidos também está associado a uma editora, na qual sua atuação foi considerada mais relevante. A definição seguiu os determinados critérios:

- **Ter uma bibliografia estabelecida sobre sua vida e obra:**

O foco dessa pesquisa é sobre a relação mancha-margem, não sobre o designer-editor. Porém, é importante ter conhecimento sobre o contexto no qual atuavam para entender qual impacto isso teve em seus projetos. Foram escolhidas figuras com uma ampla bibliografia disponível sobre sua vida e/ou atuação.

- **Possuir uma produção acessível por meios físicos ou digitais:**

Considerando a extensão da pesquisa e a pluralidade do corpus, somos incapazes de reunir materiais de diversos países e diversas épocas sem o auxílio de fac-símiles ou materiais escaneados. Assim, foi necessário que ao menos parte da produção dos escolhidos esteja disponível e seja de fácil acesso, facilitando nosso processo de análise dos materiais e a sua posterior reprodução imagética.

- **Apresentar um uso relevante da relação margem-mancha:**

O corpus só tem utilidade se servir em prol do objetivo dessa pesquisa, que busca estabelecer uma tipologia de diferentes utilizações da relação margem-mancha ao longo da história. A produção do corpus escolhido é diversificada e nos auxilia a exemplificar os tipos a serem discutidos.

Cada grupo de análise irá comparar duas ou três relações margem-mancha, postas em ordem cronológica para facilitar o entendimento linear das mudanças ocorridas no mercado de livros impressos desde sua concepção.

Essa abordagem comparativa se inspira em preceitos da vertente soviética da Literatura Comparada. Essa escola investiga “não mais apenas o elemento em si, mas a função que ele exerce em cada contexto” (Franco, 2006, p. 47). Esse modelo comparativo busca uma análise sistemática do contexto ao redor da produção foi proposto pelo teórico literário Dionyz Ďurišin, que inovou a área com uma investigação “entre sistemas e

---

subsistemas literários, governados por certas normas e tendências (estéticas, sociais e políticas).” (Franco, 2006, p. 41)

O estudo comparativo proposto por essa pesquisa almeja não apenas opor os designer-editores e seus usos da margem-mancha, mas entender em quais contextos essa produção ocorreu. Essa perspectiva evidencia “[...] a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente.” (Franco, 2006, p. 86)

Com um olhar aguçado para as semelhanças e diferenças de cada contexto, a análise permite identificar a potência de cada tipo de relação margem-mancha, sendo um ponto de embasamento para produções e críticas futuras sobre o tema. Assim, se escapa de uma falácia que hierarquiza e classifica os tipos de margem-mancha como melhores ou piores, funcionais ou disfuncionais, estéticos ou não-estéticos. Com essa aceção em mente, a tipologia atua como um instrumento de comparação horizontal; acentua as potencialidades de uso a partir de um juízo de valor aberto às possibilidades criativas proporcionadas pelas narrativas publicadas.

Veremos com esse processo ocorre a partir de dois exemplos, um em cada extremo da nossa linha temporal.

## ANÁLISES PRELIMINARES

Em meados do século XV, o ourives Johannes Gutenberg aperfeiçoou a técnica dos tipos móveis, dando início a era da impressão tipográfica. Seu novo instrumento permitia que livros fossem copiados em uma velocidade nunca vista antes na história, uma alternativa eficaz aos lentos monges copistas. Ao considerar que o diferencial de Gutenberg era o tempo de produção, era de se esperar que todo projeto seguisse as mesmas diretrizes de velocidade. Porém, os primeiros livros impressos por essa nova tecnologia buscavam imitar os livros manuscritos; essa safra de produção foi nomeada de *incunábulo*s. (Melot, 2012; Fevbre e Martin, 1992)

Os incunábulo)s foram adotados para melhorar a recepção dos consumidores, acostumados com as estruturas formais do livro manuscrito. Emulando-as, o resultado esperado era romper com a estranheza por parte do público da época e fazer com que os livros fossem bem-sucedidos comercialmente. Para isso, uma característica emulada foi a margem-mancha, resultando em páginas impressas com um grande espaço em branco que viria a receber *iluminuras*, tradicionais em livros manuscritos.

É interessante notar que as iluminuras iam contra a produção acelerada que a tipografia possibilitava, tendo em vista que ainda precisavam ser feitas manualmente por profissionais da área. Para se adequar aquele mercado – e, talvez, às concepções de Gutenberg sobre um bom impresso –, os primeiros incunábulos abdicaram de um dos seus principais diferenciais, o tempo de produção. Os primeiros livros impressos têm uma *margem-mancha iluminada*. (FIGURA 1)

**FIGURA 1 – A margem-mancha iluminada de Gutenberg**



Fonte: <https://www.ebay.com/itm/395409095020>

Já no século XXI, a designer Giovanna Cianelli é responsável pela maioria dos projetos gráficos da Antofágica, uma editora especializada em publicar clássicos para novos leitores. Se diferenciando de outras editoras que publicam textos em domínio público, os projetos gráficos de Cianelli costumam ser ousados, criativos e inovadores.

Uma das características de sua produção é a articulação entre design e texto, tendo o aspecto gráfico como potencializador da narrativa. Isso é reverberado em projetos que pensam a estrutura do livro como narrativa, incluindo a margem.

Para exemplificar, podemos citar seu trabalho na edição do romance *1984*, de George Orwell, com ilustrações de Rafael Coutinho. Em determinado momento do livro, o protagonista Winston está encurralado em um quarto prestes a ser preso pela polícia do Saber, que se aproxima a cada segundo. Nessa passagem, a margem, ao invés de se manter

estática e deixar que todo ritmo da sequência seja transmitido pelo texto, se articula com o texto e expande a cada página, diminuindo a mancha de texto e, conseqüentemente, acelerando o ritmo de leitura. Esse ritmo emula a aceleração que acontece no próprio coração de Winston, encurralado tanto pelos policiais quanto pela margem do livro. Essa articulação pode ser definida como uma *margem-mancha responsiva*. (FIGURA 2)

**FIGURA 2 – A margem-mancha responsiva de Cianelli**



Fonte: <https://www.antofagica.com.br/produto/1984/>

A *margem-mancha iluminada*, usada por Gutenberg no século XV, e a *margem-mancha responsiva*, usada por Cianelli no século XXI, são exemplos da classificação a ser estabelecida por essa pesquisa.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho tem como objetivo preencher uma lacuna teórica nos estudos sobre o design do livro. Por meio de uma tipologia, almejamos expandir o campo teórico acerca das funções que a relação margem-mancha desempenha em um projeto gráfico e na experiência de leitura. Dessa forma, pretendemos estabelecer bases teóricas iniciais que possibilitem um maior aprofundamento futuro nos estudos sobre a área.

As considerações apresentadas até então representam parte inicial da pesquisa, que há de ser desenvolvida e aprofundada durante a extensão do mestrado.

## REFERÊNCIAS

- ATypeI de-adopts Vox-ATypeI typeface classification. **AtypeI**, 27 de abril de 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210527193753/https://www.atypi.org/about-us/atypi-press/atypi-de-adopts-vox-atypi-typeface-classification>. Acesso em: 28 de jun. de 2024.
- BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico**. Versão 4.0. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- FRANCO, Tânia. **Literatura Comparada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1985.
- HENDEL, Richard. **O Design do Livro**. 3ª Edição. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.
- McKENZIE, D. F. **Bibliography and the Sociology of Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- MELOT, Michel. **Livro**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- MORISON, Stanley. **First Principles of Typography**. Leiden: Leiden Academic Press, 1996.
- ORWELL, George. **1984**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021.
- SATUÉ, Enric. **Aldo Manuzio**: editor, tipógrafo, livreiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- SORDET, Yann. **História do Livro e da Edição**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2023
- TSCHICHOLD, Jan. **A Forma do Livro: Ensaio sobre Tipografia e a Estética do Livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- WARDE, Beatrice. A Taça de Cristal, ou Por Que a Tipografia Deve Ser Invisível. In: ARMSTRONG, Helen [Org.]. **Teoria do Design Gráfico**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. pp. 47–54.
- WILLIAMSON, Hugh. **Methods of Book Design**. London: Oxford University Press, 1956.